

ses e brasileiros, desenhando um sector que certamente não pertence à bagagem científica do ilustre estudioso mas constitui decerto “un lavoro di semina che qualcun altro, un giorno, raccoglierà” (p. 154).

Na sua globalidade, as actas remetem eloquentemente, como se depreende, para uma obra plurifacetada e rica de propostas apontando para vários âmbitos de investigação. E a prova, se fosse necessária, está no diálogo que pôde estabelecer, em muitos casos, com posteriores abordagens, como aquelas de que se procurou aqui dar o relevo que sem dúvida merecem. MANUEL G. SIMÕES

*Gli Incogniti e l'Europa*, a cura di Davide Conrieri, Bologna, I Libri di Emil, 2011.

A Academia dos Incógnitos, de Veneza, foi fundada por Giovanni Francesco Loredano, por volta de 1623. Sob o lema “Ex ignoto notus”, da autoria de Guido Casoni, a sua insígnia, desenhada por Francesco Ruschi e Jacopo Piccini, representa o Nilo, cujas nascentes, ‘ignoradas’ na época, desciam de um monte para fertilizar uma planície, antes de se lançar no Mediterrâneo. Embora a sua in-

tensa actividade fosse de carácter humanístico, cultivava uma certa interdisciplinaridade com o campo das ciências e da medicina, e fomentava a produção e a difusão do livro, a leitura e o debate. Reuniu praticamente no seu seio os representantes das várias tendências da cultura do Barroco, mesmo opositores e anticonformistas, a par de outros que promovem e estimulam o sistema cultural dominante. Contam-se, entre os seus membros de maior projecção, figuras como Ferrante Pallavicino, Gian Francesco Biondi, Girolamo Brusoni e Antonio Rocco. O período de maior esplendor da Academia situa-se nas décadas de 30 e 40 de Seiscentos. Da sua produção, é ampla a variedade em termos genológicos: desde romances e novelas, à história, dissertações académicas, poesia lírica, tratados em latim e em vernáculo, todos eles caracterizados pela veia retórica, pela eficácia narrativa e dinâmica de acção; mas também ainda conta com uma intensa actividade musical, de melodramas, e pictórica, dominando em ambas as áreas um certo eclectismo. Grande parte das obras produzidas no seu seio tiveram alcance europeu. Depois de problemas surgidos na segunda metade

da década de '40 com alguns dos seus membros mais prestigiosos, a Academia entrou em rápido declínio. Foi extinta em 1652. Das suas cinzas, nasceu a Academia dos Defendidos, igualmente por iniciativa de Giovanni Francesco Loredano.

É sobre a actividade dos membros da Academia dos Incógnitos que se centra o conjunto de textos reunidos no livro intitulado *Gli Incogniti e l'Europa*, por iniciativa de Davide Conrieri, prestigiado Professor e investigador consagrado da Escola Normal Superior de Pisa, editor de textos e autor de um vasto escol de ensaios e obras críticas sobre a literatura italiana do século XVII e sobre as suas relações com as literaturas ibéricas, sendo ainda co-director da revista *Studi Secenteschi*. Como explica na introdução, este volume resulta do contributo de um grupo de especialistas, proveniente de diferentes áreas, constituído no âmbito da Escola Normal Superior de Pisa, mas também com ligação a outras instituições universitárias, cuja análise crítica se centrou na leitura de textos poéticos, narrativos, teatrais e historiográficos do século XVII, depois de terem sido apresentados e discutidos, resultando daí, como produto final, um projecto

de investigação colectivo. Fundados em testemunhos dos próprios Incógnitos e de autores seus contemporâneos, importava pôr em relevo a sua relação com o contexto cultural, literário e teatral europeu da época. O modo como essa ligação se estabelecia assume variados contornos: de declarações dos escritores a documentação epistolar, dados biográficos e bibliográficos, acidentais ou sistemáticos, ou através do paralelismo de invenções e de inovações em termos de escrita, tudo isso constituindo um caudal considerável de testemunhos, sugestões e outros materiais que alimentaram os estudos de pesquisa. A actividade do grupo de trabalho prolongou-se durante dois anos lectivos (2003-2005), através de reuniões periódicas, organizadas segundo linhas de investigação estabelecidas e, naturalmente, suscitando o debate dos resultados alcançados, que reflectiam os interesses e a formação científica dos participantes. Como pontos base de partida para a pesquisa desenvolvida devem ser tidos em consideração dois aspectos: a aposta feita na relação estabelecida pelos académicos com a cultura europeia, não só do impacto da sua acção além-fronteiras, mas também a

avaliação do peso da literatura italiana no contexto da cultura europeia na época barroca, e vice-versa; por outro lado, era preocupação dos investigadores a contextualização das obras e dos factos no seu devido ambiente ideológico, religioso, literário, ou mais estritamente pessoal, fossem eles adaptações, imitações, traduções, representações teatrais, que pressupunham a reconstituição de situações políticas, da atmosfera cultural, ou acontecimentos biográficos e intelectuais.

O presente volume, apreciado na sua globalidade, confirma de modo crítico o declínio da literatura italiana, tendo em conta o seu passado prestígio e a respectiva tradição, que se projecta ainda pelo século XVII adiante no âmbito das principais literaturas do continente; a par disso, o confronto com o contexto europeu facilita a compreensão da identidade e das particularidades da cultura e da literatura italiana perante o gosto e as tendências dominantes, bem como perante as competências dos literatos estrangeiros, cujas escolhas contribuem para que possam ser analisadas a uma luz diferente. A título de exemplo, refere-se a prosa lacónica seiscentista, que contou com muitos cultores entre

os Incógnitos, mas cujas traduções tendem a trair um certo laconismo perante tal moda, tornando-se curioso verificar a convergência, na generalidade, da atitude niveladora dos tradutores. A partir da perspectiva crítica e histórica assumida, tornou-se possível proceder à análise dos textos legados e delinear com maior propriedade e profundidade o percurso das literaturas nacionais, definindo os respectivos horizontes a partir duma abordagem mais abrangente.

De entre os vários ensaios publicados, destacam-se dois que mais directamente incidem sobre ligações com as literaturas da Península Ibérica.

O ensaio assinado por Davide Conrieri centra-se sobre a fortuna do *Adamo*, de Giovan Francesco Loredano, nas literaturas da Península Ibérica, valorizando a tradução espanhola de 1657, de Antonio Vázquez, a portuguesa de 1672, de Pedro Lobo Correia, e, por último, a espanhola, de tradutor desconhecido e sem data, mas passível de localizar nos anos entre 1789 e 1797. Procede igualmente a uma contextualização no panorama das traduções que a obra mereceu; apresenta os tradutores, tanto quanto possível; aborda criticamente os textos

de chegada e a incidência nos interesses que os tradutores deixam transparecer. No caso da tradução portuguesa, constata ainda como esta partilha das alterações, amplificações e cortes da versão espanhola. Na última, são sobremaneira os aspectos estilísticos que mais valorizados são, tendo em conta as soluções antes encontradas, na primeira tradução espanhola, e o texto de partida de Loredano.

A encerrar o volume, o último ensaio de Salomé Vuelta García retoma a questão das traduções de 'Incógnitos', desta vez valorizando as traduções feitas de títulos e autores espanhóis, em que são tidas em conta, sobretudo, as que foram executadas por Girolamo Brusoni. Depois de se tratar da popularidade da prosa espanhola (novelas e romances), bem como dos autores representativos, em Veneza nas primeiras décadas do século XVII, a atenção recai sobre *Il cavalier della notte* (1674), de Alonso Jerónimo de Salas Barbadillo, e outras experiências feitas por Brusoni neste âmbito, como as novelas espanholas que inseriu nas *Novelle amorose*, procedendo por vezes a uma adequação de nomes e contextos a ambientes italianos. Encerra-se o ensaio com a abordagem das adaptações de três

outras novelas, retiradas de *Noches de placer*, de Alonso de Castillo Solórzano, e inseridas no mesmo volume de Brusoni, as *Novelle amorose*.

Em suma, da recolha dos diferentes contributos, incidindo sobre aspectos variados, poderemos afirmar que, através da perspectiva seguida, a das relações dos membros da Academia dos Incógnitos com a cultura europeia da época, se conseguiu destacar um período nem sempre devidamente valorizado na história da literatura italiana; abriram-se percursos de pesquisa sempre actuais, como o do diálogo entre culturas nacionais; reflecte-se sobre a importância da tradução enquanto elo de ligação e transmissão de modelos, códigos e ideias; e, sobretudo, propõe-se um caminho a seguir no vasto domínio, ainda a desbatar, da abundante produção literária, e não só, composta no âmbito das numerosas academias de Seis- e Setecentos. MANUEL FERRO

Michela Murgia, *Accabadora*, Torino, Einaudi, 2009 / *Acabadora*, Lisboa, Bertrand, 2012, trad. Diogo Madre Deus.

O romance de Michela Murgia (Prémio Campiello 2010) é, antes